

# As guerras dos EUA e a crise da dívida

## Enfrentar o lobby militar-industrial é o primeiro passo vital para colocar a casa fiscal em ordem

Por Jeffrey Sachs

Valor, 29/05/2023

No ano 2000, a dívida governamental dos Estados Unidos somava US\$ 3,5 trilhões, equivalente a 35% do Produto Interno Bruto (PIB). Em 2022, a dívida estava em US\$ 24 trilhões, equivalente a 95% do PIB. A dívida do país está decolando, daí a atual crise da dívida americana. Ainda assim, tanto republicanos quanto democratas estão ignorando a solução: interromper as chamadas “guerras de escolha” dos EUA e diminuir os gastos militares. Suponha que a dívida do governo tivesse permanecido em modestos 35% do PIB, como em 2000. Hoje, seria de US\$ 9 trilhões, em vez de US\$ 24 trilhões. Por que o governo dos EUA contraiu esse adicional de US\$ 15 trilhões em dívidas?

A maior resposta é o vício do governo americano em guerra e gastos militares. De acordo com o Watson Institute, da Brown University, o custo das guerras americanas entre os anos fiscais de 2001 e de 2022 totalizou US\$ 8 trilhões, mais da metade desses US\$ 15 trilhões extras em dívidas. Os outros US\$ 7 trilhões se referem ao déficit orçamentário decorrente da crise financeira mundial de 2008 e ao da pandemia da covid-19, em quantias mais ou menos iguais.

Para superar a crise da dívida, os EUA precisam deixar de alimentar o Complexo Industrial Militar (CIM), o lobby mais poderoso de Washington. Como o presidente Dwight D. Eisenhower alertou de forma memorável em 17 de janeiro de 1961: “Nos conselhos de governo, precisamos nos proteger contra a aquisição de influência injustificada, seja buscada ou não, pelo complexo militar-industrial. O potencial para o aumento desastroso de um poder mal alocado existe e persistirá”. Desde 2000, o CIM levou os EUA a guerras desastrosas no Afeganistão, Iraque, Síria, Líbia e, agora, na Ucrânia.

**Gastos militares dos EUA entre 2024 e 2033 somarão US\$ 10,3 tri com base no cenário atual. Cerca de 25% ou mais poderiam ser evitados com o fim das guerras de escolha, o fechamento de bases militares pelo mundo e negociação de tratados de controle de armas**

O CIM há muito adotou estratégia política vencedora, ao garantir que o orçamento militar chegue a todos os distritos do Congresso. O Serviço de Pesquisa do Congresso recentemente lembrou ao Congresso que “os gastos da [área de] Defesa alcançam todos os distritos dos parlamentares, por meio de salários e benefícios para militares na ativa e para aposentados, de impacto

econômico e ambiental das instalações e de compras de sistemas de armas e peças da indústria local, entre outras atividades”.

Os gastos militares anuais dos EUA giram em torno a US\$ 900 bilhões, cerca de 40% do total mundial, e são maiores que os dos dez países seguintes somados. Em 2022, os gastos militares americanos foram o triplo dos chineses. De acordo com o Gabinete de Orçamento do Congresso, os gastos militares para o período 2024-2033 somarão US\$ 10,3 trilhões. Cerca de 25% ou mais disso poderia ser evitado com o fim das guerras de escolha americanas, o fechamento de muitas das cerca de 800 bases militares americanas pelo mundo e a negociação de tratados de controle de armas com China e Rússia.

No entanto, em vez da responsabilidade fiscal e da paz pela diplomacia, o CIM assusta a população americana descrevendo vilões dignos de histórias em quadrinhos, que os EUA precisam impedir a qualquer custo. A lista pós-2000 incluiu o Talibã, do Afeganistão, Saddam Hussein, do Iraque, Bashar al-Assad, da Síria, Muamar Gadafi, da Líbia, Vladimir Putin, da Rússia e Xi Jinping, da China. A guerra é necessária para a sobrevivência dos EUA, dizem-nos repetidamente.

Uma política externa voltada para a paz sofreria forte oposição do lobby militar-industrial, mas não do público. Números significativos da população já são a favor de menos envolvimento dos EUA em assuntos de outros países, e de menos envio de soldados americanos ao exterior. No que se refere à Ucrânia, os americanos, por grande margem, gostariam de um “papel menor” (52%), em vez de um “papel importante” (26%), no conflito entre Rússia e Ucrânia. É por isso que nem Biden nem nenhum outro presidente recente ousou pedir ao Congresso qualquer elevação de impostos para pagar as guerras dos EUA. A resposta da população seria um retumbante “Não!” Embora as guerras de escolha dos EUA tenham sido terríveis para o país, elas foram desastres muito maiores para os países que os EUA dizem estar salvando. Como Henry Kissinger brincou: “Ser um inimigo dos Estados Unidos pode ser perigoso, mas ser um amigo é fatal”. O Afeganistão foi uma “causa” americana de 2001 a 2021, até os EUA saírem do país deixando-o quebrado e diante de uma crise de fome. A Ucrânia agora está sendo abraçada pelos EUA, com os mesmos prováveis resultados: guerra contínua, morte e destruição. O orçamento militar poderia ser cortado de forma sensata e profunda se os EUA substituíssem suas guerras de escolha e corridas armamentistas por uma diplomacia real e por tratados de limitação das armas. Se presidentes e os Congressos tivessem dado atenção às advertências de grandes diplomatas, como William Burns, embaixador dos EUA na Rússia em 2008 e hoje diretor da CIA, os EUA teriam protegido a segurança da Ucrânia, acertando com a Rússia que os EUA não expandiriam a Otan à Ucrânia se a Rússia também se mantivesse fora da Ucrânia. No entanto, a expansão implacável da Otan é uma das causas favoritas do CIM; novos membros da Otan são os principais clientes dos armamentos dos EUA.

Os EUA também abandonaram de forma unilateral os principais tratados de controle de armas. Em 2002, deixaram unilateralmente o Tratado de Mísseis Antibalísticos. Além disso, em vez de promover o desarmamento nuclear, como o Artigo VI do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TPN) exige dos EUA e outras potências nucleares, o CIM vendeu ao Congresso a ideia de gastar mais de US\$ 600 milhões até 2030 para “modernizar” o arsenal nuclear americano.

Agora, o CIM está levantando a perspectiva de uma guerra com a China, em razão de Taiwan. Os tambores de guerra com a China vêm alimentando o orçamento militar, mas uma guerra contra a China seria evitada facilmente se os EUA aderissem à política de “Uma China”, que dá uma base adequada para as relações sino-americanas. Tal guerra deveria ser impensável. Mais do que levar à falência dos EUA, poderia acabar com o mundo.

Os gastos militares não são o único desafio orçamentário. O envelhecimento da população e o aumento dos custos da saúde se somam às dificuldades fiscais. De acordo com o Gabinete de Orçamento do Congresso, a dívida alcançará 185% do PIB em 2052, se as políticas atuais não forem modificadas. Os custos da saúde deveriam ser limitados e os impostos sobre os ricos, elevados. No entanto, enfrentar o lobby militar-industrial é o primeiro passo vital para colocar a casa fiscal em ordem nos EUA, e uma condição necessária para salvar país, e possivelmente o mundo, das políticas perversas conduzidas por lobbies americanos.

**(Tradução de Sabino Ahumada)**

**Jeffrey Sachs é diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável, da Columbia University, e presidente da Rede de Soluções de Desenvolvimento Sustentável da ONU.**